

Em busca por Estratégias Pedagógicas Inclusivas: pesquisas na área

GTE 13 – Ensino de música, inclusão e anticapacitismo

Comunicação

*Rosinalva Fernandes dos Santos
Universidade Estadual de Feira de Santana
rosinalva.penedo@hotmail.com*

*Matheus Silva Menezes
Universidade Estadual de Feira de Santana
mathsilva479@gmail.com*

*Simone Marques Braga
Universidade Estadual de Feira de Santana
ssmmbraga@uefs.br*

Resumo: Sabe-se que a inclusão é prevista por Políticas Educacionais (Lei Nº 10.172/01, 2002; Lei Nº 10.436/02; Lei nº 12.764/12), mas a realidade na Educação Musical está aquém em relação a essa inclusão. Partindo desse pressuposto, esse artigo tem por objetivo apresentar duas pesquisas que tem como foco socializar estratégias pedagógicas musicais inclusivas. Amparadas em autores diversos (BLATT & KAPLAN, 1996; HARRIS & ENFIELD, 2003; KEBACH & DUARTE, 2003), metodologicamente foi realizado levantamento de produções científicas em torno do tema que facilitou organizar materiais que servirão de referências para professores da área, a saber: 12 atividades extraídas de um repositório digital e uma websérie disponibilizada no canal Gecom Música no *YouTube*.

Palavras-chave: Estratégias Pedagógicas Musicais, Inclusão, Pesquisa.

Introdução

O ensino musical vem ganhando espaço na cidade de Feira de Santana. Alguns fatores como o surgimento de cursos de Licenciatura em Música, inclusive o existente na Universidade Estadual de Feira de Santana e o conseqüente aumento de professores de música licenciados, contribuem positivamente para esse cenário. Com a Lei 13.278/16, o conteúdo música se tornou obrigatório no componente curricular Artes e os professores da área passaram a ampliar as aulas no espaço escolar. E essa perspectiva trouxe algumas demandas específicas, a exemplo de turmas que têm estudantes com algum tipo de deficiência e/ou transtornos. Vale ressaltar, que devido ao direito assegurado por leis como a 13.146/15 e a 10.502/20,

estudantes com deficiências têm também procurado outros contextos educacionais locais, a exemplo de aulas de música em projetos sociais e/ou escolas especializadas de música.

Sobre transtornos e deficiências, sabemos que o ensino de música deve ser um direito de todos no que diz respeito ao contexto educacional, independente da heterogeneidade do perfil discente, considerando diferentes deficiências e transtornos, pois é uma área de conhecimento capaz de estabelecer conexões entre a mente e o corpo, ao influenciar no desenvolvimento de várias habilidades e competências, ao ajudar de maneira efetiva a todos que tenham o contato com a mesma. Por isso, se faz necessário a sua inserção na escola, que poderá favorecer a inclusão de crianças com deficiências, déficits de aprendizagem e transtornos psicossociais e de aprendizagem no convívio escolar. Assim, é necessário a busca por estratégias e ferramentas pedagógicas na tentativa de promover, de fato, a inclusão. Dessa forma, esse artigo tem o objetivo de apresentar duas pesquisas que tem como foco estratégias pedagógicas musicais inclusivas que possam auxiliar profissionais da área a atuarem com essa realidade.

A primeira pesquisa, já concluída, teve como objetivo principal identificar atividades no “Repositório de Atividades Pedagógicas Musicais para Alunos Surdos nas Aulas de Música na Escola”, elaborado por Haryany Lima Santos (2018), para que pudessem ser aplicadas na íntegra ou adaptá-las nas aulas de Canto Coral, ministradas no Programa Música na Escola, na cidade de Feira de Santana. Já a segunda, em fase de andamento, tem como objetivo produzir uma websérie com a participação de três educadoras musicais brasileiras para socializar considerações acerca de uma Educação Musical tida como inclusiva, tecendo comentários acerca de desafios, possibilidades, tecnologias assistivas e, sobretudo, socializarem estratégias pedagógicas inclusivas que desenvolveram, bem como a criação e adaptação de materiais didáticos para o ensino de música.

Para a apresentação das pesquisas o presente artigo está estruturado nos seguintes subtópicos: revisão bibliográfica, metodologia, resultados e considerações finais.

Revisão bibliográfica

Sobre o ensino de música desenvolvido na educação básica local, conforme pesquisas realizadas por Gilmar Santos Araújo (2017) e Haryany Lima Santos (2018), há muitos estudantes com algum tipo de deficiência, e que necessitam de práticas pedagógicas musicais específicas. E essa realidade é reforçada a partir do cenário do ensino de música no município

em que são ampliadas as ofertas e a formação de professores na área o que sinaliza para a necessidade do fomento de pesquisas, estratégias e metodologias para melhor atender a todo e qualquer estudante, principalmente aqueles que possuem algum tipo de transtorno e/ou necessidade educacional específica. Por isso, a necessidade de nos informarmos e nos capacitarmos para atender as várias situações que nos deparamos na escola. Segundo Loureiro (2006, p. 7) “A integração destes indivíduos na escola viabiliza sua participação futura na sociedade, o que é uma tendência global desde o final do século passado”.

Assim, é necessário que haja mais pesquisas na área de Educação Musical Especial, para que todos tenham acesso a um ensino de qualidade, pois, segundo Kebach e Duarte (2008, p. 108) “Para que as escolas se tornem espaços vivos de acolhimento e formação para todos os alunos é preciso transformá-las em ambientes educacionais verdadeiramente inclusivos, onde todos os sujeitos são acolhidos, indiscriminadamente, e seus desejos e interesses sejam levados em conta”. Pois, estudando sobre o tema, é possível aprender, desenvolver ou executar “novos métodos e técnicas pedagógicas, de materiais didáticos, de equipamentos e de recursos de tecnologia assistiva” (BRASIL, 2019), assegurando o cumprimento da Lei nº 13.146 em seu Art. 28, que responsabiliza o poder público de incentivar a pesquisa nessa área.

Todavia, muitos professores têm dificuldade em atender a essa clientela, gerando assim um mal-estar que atinge a todos os envolvidos no processo educacional. É visível no cotidiano escolar o mal-estar gerado pela Educação Especial que se organizou tradicionalmente como atendimento educacional especializado que substituía o ensino comum, levando a criação de instituições especializadas, escolas especiais e classes especiais. Esses dados podem ser comprovados a partir de algumas pesquisas realizadas na área de Educação Musical (SOARES, 2012; SKLIAR, 2006; ESTEVE, 1999; SOUZA, 2002; OLIVEIRA, 2013; SANTOS, 2018; ARAÚJO, 2017; GONÇALVES, 2018). Nesses estudos, percebe-se dificuldades recorrentes de profissionais da área no trabalho pedagógico com crianças com deficiência e transtornos. E paradoxalmente, é o professor que está diretamente ligado no que diz respeito às contribuições para o sucesso da inclusão, pois os docentes devem buscar formação continuada que auxiliem na qualificação para as suas ações didático-pedagógicas. Essa busca pode ser um longo processo.

Segundo Drogomirecki (2010 p.04) “A inclusão não é um processo já pronto e acabado nas sociedades. Consiste de uma proposta que tem permeado a subjetividade social.

Se desenvolvendo e também encontrando resistências de diversas formas e por vários setores da sociedade e pessoas”. Por isso há uma necessidade na busca de estratégias para que essa inclusão aconteça de forma efetiva na escola. Sabemos que existem muitas perguntas em busca de melhorarmos essa inclusão, uma delas são o entendimento acerca de deficiências, bem como as dificuldades encontradas no que diz respeito à Educação Inclusiva em relação aos profissionais da área de Educação e leis e documentos que assegurem a inclusão na escola.

A deficiência não é inerente a pessoa, está relacionada de maneira evidente as barreiras impostas, não só físicas, mas comportamentais, dificultando substancialmente a participação de todos no mundo de forma igualitária. Sabemos que a ciência evoluiu no que diz respeito as deficiências e ao trato com as pessoas pois “Há menos de 30 anos por exemplo, uma pessoa com deficiência grave passar uma vida inteira em uma instituição era considerado algo “correto e natural” nos estados unidos” (BLATT; KAPLAN, 1996, p. 62). Ainda hoje, existem residências coletivas para deficiência grave, e nos últimos anos pessoas com deficiência, especialistas e os defensores dos direitos dos deficientes fizeram a seguinte distinção com relação a deficiência:

Um impedimento refere-se às “[...] variações que existem em comportamento, aparência, funcionamento, acuidade sensorial, processamento cognitivo humano [...]” (LINTON, 1998), em contraste com as deficiências, que são um produto de práticas sociais, políticas, econômicas e culturais (CORKER, SHAKESPEARE, 2002, p.62).

Segundo o modelo médico as pessoas com deficiência têm problemas físicos que precisam de ser curados. Isto impele as pessoas com deficiência para o papel passivo de pacientes (HARRIS & ENFIELD, 2003). Já o modelo social vê a deficiência como um resultado do modo como a sociedade está organizada. Como a sociedade não está bem organizada, as pessoas com deficiência enfrentam vários tipos de discriminação e barreiras à participação (HARRIS & ENFIELD, 2003). As crianças com deficiência são na verdade vistas a partir de um diagnóstico médico com vários conceitos relacionados a problemas, impedimentos e limitações que vistas sem um conhecimento prévio, o professor poderá desconsiderar as suas potencialidades.

Acerca da legislação a Política de Educação Inclusiva no Brasil foi instituída a partir da Lei 13.146/15, e passou a ser chamada de Lei Brasileira de Inclusão. Isso significa que todas as

escolas, sejam públicas ou particulares, devem cumprir as determinações inseridas nesta lei no sentido de aprimorar seus sistemas de ensino, visando garantir condições de acesso, permanência, participação e aprendizagem a todas as pessoas com alguma deficiência. Mas para isso é necessário que os professores tenham não apenas formação que considere essa realidade, mas também ações pedagógicas como referências. Assim, o presente artigo apresenta duas pesquisas que tem como foco a busca por estratégias pedagógicas musicais inclusivas que podem auxiliar profissionais da área a atuarem com essa realidade. Para tanto, a seguir serão apresentados os processos metodológicos adotados nas duas pesquisas.

Metodologia

As pesquisas têm como autores licenciandos em música, sendo motivadas por atividades vinculadas ao curso de Licenciatura em Música da Universidade Estadual de Feira de Santana. A primeira foi realizada junto aos componentes curriculares Pesquisa Musical I, II e III, que resultou no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e a segunda está sendo realizada no Programa de Iniciação de Tecnologia e Inovação Científica (PIBITI), com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Apesar de terem objetivos diferentes e serem desenvolvidas em fases distintas, visto que a primeira já foi concluída e a segunda, ainda em fase de andamento, o que ambas têm em comum é gerar resultados em que práticas pedagógicas musicais são socializadas, o que podem vir a ser referências para profissionais da área. Outro ponto em comum é que metodologicamente foram realizados levantamentos de produções científicas que contemplavam e apresentavam práticas pedagógicas musicais voltadas para pessoas com deficiências e/ou transtornos (SILVA, 2007; BOGAERTS, 2013; LIMA, 2015; REILY e OLIVEIRA, 2015; SOBREIRO, 2016).

A partir dessa ação as práticas foram localizadas, sendo que na primeira pesquisa as práticas foram desenvolvidas por diversos educadores. Já na segunda, a partir da produção levantada, três educadoras musicais que se destacam na área, justamente pelo envolvimento com uma Educação Musical tida como inclusiva, foram contatadas e convidadas a darem depoimentos sobre questões diversas envolvendo essas práticas.

Pesquisa 1: atividades inclusivas extraídas de um repositório digital

Desde que foram iniciadas as atividades de Canto Coral no Programa Música na Escola, o número de crianças com deficiências e transtornos tem sido bastante expressivo. Percebe-se nesse quadro o quanto essas crianças têm de habilidades, curiosidades, desejos da descoberta e o quanto são inteligentes, sendo difícil de entender a discriminação, a desvalorização e a consideração por parte de algumas pessoas da sociedade local de serem incapazes de se desenvolverem na escola. Por outro lado, a busca dos pais de incluí-las neste espaço tem sido uma realidade.

Após algumas situações em sala de aula ao envolver essas crianças, houve a necessidade de pesquisar atividades pedagógicas para aproximá-las e incluí-las nas aulas de música, especificamente, na atividade de Canto Coral. Assim, essa pesquisa teve como objetivo geral identificar atividades no “Repositório de Atividades Pedagógicas Musicais para Alunos Surdos nas Aulas de Música na Escola”, elaborado por Santos (2018), para que posteriormente possam ser aplicadas na íntegra ou adaptá-las nas aulas de Canto Coral, ministradas por mim no Programa. Como objetivos específicos, estabelecemos: 1) caracterizar a atividade de Canto Coral no Programa Música na Escola; 2) analisar e descrever as atividades selecionadas do repositório; 3) contribuir para a inclusão escolar em atividades do canto coral na escola, fomentar a discussão sobre a inclusão nas aulas de música na escola e auxiliar nas metodologias a serem adotadas na modalidade “Cantando na Escola”, do Programa Música na Escola.

Do um mapeamento de produções científicas realizadas (SILVA, 2007; BOGAERTS, 2013; LIMA, 2015; REILY e OLIVEIRA, 2015; SOBREIRO, 2016), o repositório foi selecionado por se tratar de um trabalho de uma autora local, que se voltou para o contexto escolar e para turmas mistas, ou seja, turmas compostas por alunos ouvintes e surdos, ou seja pessoas com características diferenciadas. Apesar de não envolver a surdez, o campo empírico da investigação envolveu turmas compostas com crianças com e sem deficiência e transtornos do espectro autista e de aprendizagem, ou seja, próximas da realidade de turmas consideradas mistas.

Outro dado que influenciou na sua escolha em detrimento as outras produções é que grande parte das atividades inseridas no repositório se tratavam de atividades voltadas para a musicalização. Nessa perspectiva, a musicalização é um dos principais objetivos da aula de Canto Coral no Programa Música na Escola, sendo o momento para não apenas trabalhar a voz cantada e falada, técnicas vocais ou formação de repertório, mas também o momento de

promover a aproximação da criança com a música, em um processo de musicalização. Nesse sentido,

Musicalizar significa desenvolver o senso musical das crianças, sua sensibilidade, expressão, ritmo, “ouvido musical”, isso é, inseri-la no mundo musical, sonoro. O processo de musicalização tem como objetivo fazer com que a criança torne-se um ouvinte sensível de música, com um amplo universo sonoro. (Oliveira, 2001, p. 99).

Vale destacar, que o repositório foi produzido como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) onde Santos (2018) realizou um Estado da Arte de produções científicas da área de Educação Musical que apresentavam atividades desenvolvidas para o ensino de música na escola, voltadas para turmas mistas que são turmas de surdos e ouvintes. Apesar dessa demanda, Santos (2018, p.26) considera que as atividades também podem ser trabalhadas com crianças com tipos distintos de deficiência e transtornos: “O primeiro passo para coletar dados para a construção do repositório foi verificar na Educação Musical as suas ações voltadas para o ensino não só de surdos, mas de qualquer outra necessidade educacional”.

Sobre a seleção das atividades, estas foram extraídas do repositório contendo 36 atividades, organizadas em pastas que foram enumeradas de 1 a 36, recebendo nomes por temas que sugerem o caráter da atividade, sendo trabalhados elementos como ritmo, apreciação, andamento, pulsação, elementos esses que contribuirão na execução vocal. São atividades que propiciarão, além da musicalização o envolvimento das crianças na aula de música e, conseqüentemente, nas canções desenvolvidas.

Após consulta foram selecionadas 12 atividades, que julgamos serem possíveis de promover a inclusão, além de promoverem a aproximação da criança a aspectos musicais, à ludicidade e à brincadeira, a partir da música, que são de fundamental importância para o aprendizado das crianças. Vale destacar, que as práticas em conjunto são estratégias que poderão contribuir para a aprendizagem musical e nessa aprendizagem está intrínseco outros fatores como a afetividade e a inclusão. As atividades foram organizadas em uma tabela, conforme exemplo abaixo, dividida em três colunas, contendo os seguintes itens: 1) atividades; 2) descrição da atividade; 3) considerações acerca da inclusão relacionadas à atividade:

Tabela 1- Descrição das atividades e considerações acerca da Inclusão

Atividades	Descrição da atividade	Considerações acerca da inclusão
Propriedades do Som: Brincadeira cantada 'Passe a bola'	Sentadas em círculo, as crianças devem passar a bola para as mãos do colega ao lado acompanhando o pulso da música marcado pelas batidas do tambor. Quando a música terminar, a criança que estiver com a bola na mão, fala o seu nome e/ou faz o seu sinal.	Essa atividade pode contribuir na socialização das crianças, bem como na participação de crianças com dificuldade de atenção, essa contribuição poderá ocorrer tanto no momento em que pegar e passar a bola bem como no acompanhamento do ritmo produzido pelo tambor.

Fonte: arquivo dos autores

Como resultados alcançados a partir da análise das 12 atividades selecionadas, mesmo sendo atividades retiradas de um repositório voltado para pessoas surdas, a minha experiência no programa com estudantes autistas, com déficit de aprendizagem, entre outros, percebo que atividades que trabalham a percussão, a utilização dos instrumentos musicais, favorecem substancialmente o trabalho de musicalização, pois quando levo instrumentos musicais para a sala de aula percebo um maior estímulo no que diz respeito a essa participação, mesmo crianças com muita dificuldade de convívio/interação social, conseguem parar e se concentrar no manuseio e na descoberta do instrumento.

De acordo com as orientações da coordenação pedagógica, o Canto Coral no Programa Música na Escola, além da atividade do canto especificamente, devem ser desenvolvidas atividades voltadas à musicalização e, nesse sentido, apesar do repositório não ter atividades voltadas ao canto, conforme nota-se na descrição e consideração acerca da inclusão, em grande parte, as atividades voltam-se para a musicalização no contexto escolar, tendo a utilização de instrumentos percussivos que auxiliam a trabalhar habilidades rítmicas e o prazer em executar a música.

E isso a maioria das atividades têm em comum, sempre um apelo percussivo, apesar delas se diferenciarem em alguns aspectos, a exemplo do que diz respeito à execução musical, percepção e instrumentos musicais utilizados. Ainda em relação as semelhanças, também são parecidas no sentido de serem realizadas em grupo, contribuindo na interação e na ajuda mútua, além de algumas usarem o lado criativo das crianças, trazendo-a para um protagonismo muito importante para a autoconfiança e autoestima.

Pesquisa 2: produção de websérie

A segunda investigação, em fase de andamento, é uma pesquisa de caráter tecnológico e de inovação, que conta com o apoio do CNPq. O seu objetivo geral é produzir uma websérie com a participação de três educadoras musicais brasileiras para socializar considerações acerca de uma Educação Musical tida como inclusiva, tecendo comentários acerca de desafios, possibilidades, tecnologias assistivas e, sobretudo, socialização de estratégias pedagógicas inclusivas que desenvolveram.

Para chegar a essas três educadoras foi realizado um levantamento de produções científicas que contemplassem e apresentassem práticas pedagógicas musicais voltadas para pessoas com deficiências/transtornos, sendo separados diversos trabalhos. O passo seguinte foi entrar em contato com os autores, explicar sobre a produção da websérie e fazer convite para a participação deles a partir do envio da gravação de vídeos. Todavia, apesar de diversas respostas positivas a participação, os vídeos não foram encaminhados, sendo necessário repensar a metodologia. Assim, dos educadores que sinalizaram positivamente, retornamos novamente e fizemos a proposta de conceder entrevista através da plataforma *meet*, assim não haveria a necessidade de gravarem e encaminharem vídeos. Dessa forma, chegamos as três educadoras e com as gravações, o material está sendo editado.

Após a coleta das entrevistas, foram divididas em episódios sendo realizados roteiros para que trechos ou a íntegra das respostas possam ser editados. Assim, disponibilizado no canal xxxxx xxxxx, do grupo de pesquisa ao qual faço parte e é parceiro da pesquisa, a websérie terá 3 episódios e já foram ao ar os dois primeiros, sendo que o segundo foi dividido em duas partes: um referente a tecnologias assistivas e o outro sobre materiais didáticos. No primeiro episódio foram disponibilizados depoimentos acerca de conceitos e termos como Educação Musical Especial, Educação Musical Inclusiva, Tecnologias Assistivas, entre outros. O último será justamente a apresentação de práticas pedagógicas musicais inclusivas. Dos disponíveis já contamos com o total de cerca de 400 visualizações.

A partir desses conteúdos digitais, disponibilizados nessa websérie, esperamos contribuir com as práticas pedagógicas musicais desenvolvidas no ensino de música escolar local e de outros locais também, contribuindo para a área. Todavia, voltando para o contexto local, para o curso de Licenciatura em Música da UEFS, serão agregadas ações a serem discutidas perpassando pela formação e atuação de professores da área, sobretudo

relacionadas à Educação Musical Especial. Já para os professores de música de xxxxxx será disponibilizado suporte pedagógico nos produtos gerados. Por fim, para a minha formação enquanto professor de música, é importante pensar e desenvolver produtos que irão contribuir com a minha atuação futura, além de ser uma oportunidade de aproximar com a Educação Musical Especial e potencializar a minha experiência com ferramentas digitais, o que facilitará o manuseio de espaços virtuais.

Considerações finais

Em virtude a segunda pesquisa estar em fase de andamento não há dados conclusivos acerca de seu desenvolvimento. Todavia, em relação a primeira destacamos as contribuições significativas para a formação da pesquisadora graduanda, possibilitando aprendizagens através de leituras e conhecimento de autores que com certeza marcam a sua caminhada na busca por estratégias pedagógicas que permitirão um trabalho onde aqueles com deficiências e transtornos não sejam excluídos das aulas de música. Além da possibilidade de oferecer a outros profissionais da área ter acesso também as atividades mapeadas. Nesse sentido, vale destacar as considerações de Beyer (2006, apud KEBACH e DUARTE, 2012) sobre a necessidade de o professor buscar uma pedagogia que atenda às diferenças do estudante, já que existem documentos como a Declaração de Salamanca (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994 p.7) que assegura o direito à educação a todos independente das diferenças, assumindo que as diferenças humanas são normais e que as aprendizagens devem ser adaptadas às necessidades das crianças.

Nessa direção, Oliveira (2015) afirma que o aprendizado musical deve ser realizado de várias formas, onde as crianças aprendem fazendo junto e brincando. Assim, verificou-se que as atividades apresentadas, selecionadas e analisadas têm o intuito de promover a inclusão de crianças com deficiências e transtornos e para isso, em grande parte, são realizadas em grupo ou grupos, possibilitando assim a interação entre essas crianças. Isso ocasiona também situações de crescimento, aprendizado e compartilhamento de várias experiências: “Em sala de aula, uma das situações que pode levar a um bom resultado é a que consiste em que os alunos regulares e os considerados em situação de inclusão trabalhem em conjunto” (CROCHIK *et al.*, 2009, p.36).

Assim, vemos a necessidade de interação em atividades realizadas em grupo entre as crianças para que sejam desenvolvidos o respeito e o relacionamento interpessoal e, quem

sabe, uma relação afetiva. Assim, a socialização entre as crianças das atividades desenvolvidas é muito importante no que diz respeito a esse ambiente inclusivo, onde de fato as crianças sintam-se pertencentes a esse contexto musical no que diz respeito ao Canto Coral e não somente participantes.

Sobre o aprender junto, a interação, é uma estratégia importante para a inclusão, como nos afirma Crochik (2009, p.36) dizendo que “para se ter um bom resultado em sala de aula é necessário um trabalho em conjunto das crianças em situação de inclusão com as outras crianças”. E para acontecer um ambiente inclusivo nas práticas musicais na escola é necessário “o compartilhamento e o sentimento de pertencimento quando se ouve, quando se faz, ou quando se frui música” (LEMOS E SILVA, 2011, p. 33).

Referências

ARAÚJO, G, S. **Ensino de música para alunos surdos**: desafios e perspectivas na escola, 2017. 64 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Música) - Universidade Estadual de Feira de Santana, 2017.

BOGAERTS, Jeanine. **Educação Musical na Diversidade**: um estudo de caso com alunos Surdos e ouvintes em uma escola regular de ensino. 2013. 198 f. Dissertação. (Curso de Pós-Graduação em Música) - Centro de Letras e Artes - Universidade Federal do Rio de Janeiro.

BRASIL. Lei n. 10.502 de 30 de setembro de 2020. Disponível em:
<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/decreto-n-10.502-de-30-de-setembro-de-2020-280529948>. Acesso em: 07 de abril de 2021.

BRASIL. Lei n. 13.146 de 6 de julho de 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 1 de abril de 2021

BRASIL. Lei nº 13.278, de 2 de maio de 2016. Altera o § 6º do art. 26 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Lei/L13278.htm>. Acesso em: 1 de abril de 2021.

CROCHIK, J. L. et al. Preconceito e educação inclusiva. In: *Inclusão e discriminação na educação escolar*. Campinas, SP: Alínea, 2013. p. 36.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA: Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais, 1994, Salamanca-Espanha.

DROGOMIRECKI, Viviane C. Educação Musical Inclusiva: um estudo dos dados do Projeto Arte Inclusão, do centro de educação profissional em Artes Basileu França (CEPABF). **Dissertação de Mestrado em Música na Contemporaneidade**. Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.

ESTEVE, José Manuel. **O Mal-estar Docente**. Lisboa: Escher/Fim de Século Edições, 1992
_____. **O Mal-estar docente**: a sala de aula e a saúde dos professores. Tradução: Durley de Carvalho Cavicchia. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

_____. *Feira de Santana e o ensino de música escolar nas perspectivas dos professores. Projeto de Pesquisa*. Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana, 2019. Não publicado.

GODOY, Arilda S. *Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades*. Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rae/v35n2/a08v35n2.pdf>. Acesso em: 07 de abril de 2021.

GONÇALVES, L, C. O canto coletivo nas escolas do PIBid de música, 2018. **Trabalho de conclusão de curso** (Graduação em Licenciatura em Música) - Universidade Estadual de Feira de Santana, 2018.

KEBACH, Patrícia; DUARTE, Rosângela. *Educação musical e educação especial: Processos de inclusão no sistema regular de ensino*. Revista Textos e Debates, Boa Vista, n. 15, pg 98-111, 2008. Disponível em: <https://revista.ufrb.br/textosedebates/article/viewFile/751/651>

KEBACH, PATRÍCIA; DUARTE, ROSANGELA. EDUCAÇÃO MUSICAL E EDUCAÇÃO ESPECIAL: PROCESSOS DE INCLUSÃO NO SISTEMA REGULAR DE ENSINO. **Textos e Debates**, v. 2, n. 15, 2012.

_____. Lei 13.146 de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). **Diário Oficial da União**, 2015.

LIMA, Gueidson Pessoa de. Música e surdez: o ensino de música numa perspectiva bilíngue na escola regular. 2015. 132f. **Dissertação (Mestrado em Educação)** - Centro 136 de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

LOUREIRO, Cybelle Maria Veiga. *Musicoterapia na educação musical especial de portadores de atraso do desenvolvimento leve e moderado na rede regular de ensino*. Dissertação (mestrado). Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/GMMA-7Y4GZJ/1/cybelleloureiro.pdf>

OLIVEIRA, Marília Fernanda Gazaniga de; XXXXX. Estágio supervisionado: tornando-se professor(a) de música em uma sala inclusiva. In: MACHADO, D. D. Estágio em Educação Musical: relatos de experiência. Universidade Federal de São Carlos, 2013.

OLIVEIRA, Andréia Pires Chinaglia de. “A gente ensina, aprende e inventa, tudo de uma vez”: as aprendizagens colaborativas nas brincadeiras cantadas e jogos musicais numa oficina de música com crianças. **Dissertação (mestrado)** Florianópolis, 2015.

REILY, Lúcia Helena e OLIVEIRA, Márcia Regina Nepomuceno dos Santos. Práticas musicais com alunos surdos na extensão universitária: acesso e participação. Revista **Crítica Educativa**. v. 1, nº2, 2015. Disponível em: <http://www.criticaeducativa.ufscar.br/index.php/criticaeducativa/article/view/41>. Acesso em: 07 jul. 2019.

SANTOS, H, L. Repositório de atividades pedagógicas musicais para alunos surdos nas aulas de música na escola, 2018. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Graduação em Licenciatura em Música) - Universidade Estadual de Feira de Santana, 2013.

SKLIAR, Carlos. A inclusão que é “nossa” e a diferença que é do “outro”. In: RODRIGUES, David (Org.). **Inclusão e educação**: Doze olhares sobre a educação inclusiva. São Paulo: Summus, 2006, p. 15-34.

SOARES, Maura Aparecida; RUBIO, Juliana de Alcântara Silveira. **A Utilização da Música no Processo de Alfabetização**. Revista Eletrônica Saberes da Educação, São Paulo. v. 3, n. 1, p. 10-12, 2012. Disponível em: <http://www.facsao Roque.br/novo/publicacoes/pdf/v3-n1-2012/Maura.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2019.

SOBREIRO, Andréa Peliccioni. Compreensão musical de adolescentes surdos: um estudo exploratório. 2016. 122 f. **Dissertação (Mestrado em Música)** - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Música, 2016.

SOUZA, Jusamara et al. O que faz a música na escola? Concepções e vivências de professores do ensino fundamental. Série Estudos 6. UFRGS: Porto Alegre, 2002.